



## Gabriela Aguerre – *O quarto branco*

São Paulo: Todavia, 2019

Stefania Chiarelli\*

Conta a lenda que três uruguaios estavam a bordo do Titanic no momento do naufrágio, em 1912. Um deles carregava uma marca especial: Ramon Artagaveytia era sobrevivente do incêndio que afundara o navio America, quarenta anos antes. “Alguém que sobreviveu a um naufrágio, mas não a dois”, pensa diante do túmulo do viajante, em Montevideú, a protagonista de *O quarto branco* (Aguerre, 2019). De naufrágios e recomeços se constrói o romance de estreia da também uruguaia Gabriela Aguerre. Espécie de jornada particular em busca de uma identidade aos pedaços, a narrativa gira em torno de Glória, que retorna ao país de origem para resgatar uma história de sucessivas perdas.

Glória tem 40 anos, acaba de perder o emprego e vive com o companheiro húngaro em São Paulo, cidade para onde migraram seus familiares:

Nasci no Uruguai no começo da tarde de uma segunda-feira de outono. Fazia pouco que o país estava em ditadura, palavra que aprendi a pronunciar em português, quase sempre falando baixo, dura, intangível, talvez na mesma época em que ouvi meus pais cochichando um com o outro sobre uma mala que chegara à porta da casa de uma conhecida, uma mala que continha partes do corpo de um amigo deles (Aguerre, 2019, p. 18).

O nascimento é duplo, já que foram gêmeas, Glória e Gaia. No entanto, a morte de uma delas, ainda no primeiro dia de vida, acaba por acarretar uma sensação constante de incompletude na irmã: ao morrer, elas têm seus nomes trocados, e assim é enterrada Glória e rebatizada Gaia. No diário mantido pela mãe, a personagem se depara aos 17 anos com a revelação da troca de nomes. Gêmeos têm uma ligação muito singular, e essa simbiose irá reverberar de distintas formas. Anos depois, já adulta, ao perder um filho e saber-se impossibilitada de engravidar novamente, a protagonista do romance decide partir rumo ao Uruguai, “para pegar seu nome de volta” (Aguerre, 2019, p. 17).

O vazio da inexistência da narradora é o motor dessa busca, compelida pela tentativa de elaborar a dor de uma perda concreta, a do filho abortado, e a de uma perda simbólica, a identidade que lhe foi confiscada na troca de nomes. A falência do projeto de prolongar a linhagem acende nela a necessidade de escavar sua origem. No caminho, duas figuras masculinas importantes – o pai, homem de passado boêmio, cantor de tangos e milongas, figura que ensina à personagem o calor do afeto e da herança. No Uruguai, o tio Elazar, espécie de elo com o país e a história familiar, sujeito que a acompanha em um mergulho no passado e nesse “inferno de ter que me reinventar” (Aguerre, 2019, p. 15).

A narrativa se constrói em torno da percepção da personagem acerca de si e do lugar na família, bem como da condição de estar fora de sua cultura, percebida na relação diária com as palavras, sempre entendidas por meio de um incômodo:

Ao ouvir o primeiro contato de um ser humano feito em espanhol, geralmente o oficial da alfândega, orgulhosamente eu devolvia o mesmo sotaque, como quem revê um parente, estou de volta, demorei mas cheguei, agora fico, o estranho virando familiar, reconhecendo-me imediatamente, ouvindo minha voz não mais como se fosse de outra pessoa, mas de mim mesma. Encaixada (Aguerre, 2019, p. 55).

Por diversas vezes surge no texto a força imagética da água, seja na visão do “mar que é rio” na capital uruguaia, ou na presença da ossada de baleia cravada na pequena praia a que Glória se dirige para realizar o ritual de despedida da irmã. Ossos, cinzas, pele, pintas, manchas, as imagens

\* Doutora em Estudos de Literatura e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. [Orcid.org/0000-0003-3747-144X](https://orcid.org/0000-0003-3747-144X). E-mail: [stefania.techima@uol.com.br](mailto:stefania.techima@uol.com.br)

se sucedem evocando corpos que se transmutam em fragmentos ou carregam as marcas indeléveis do tempo. Sim, o romance evoca dores e laços de família. Há aqui um desejo de mapear sensações e nomear estados de espírito, mais do que acontecimentos. Engana-se, porém, quem espera uma narrativa lacrimosa ou um romance às voltas do umbigo. O corpo encenado aqui é um corpo político, de quem migra e deixa o país de origem em função da ditadura.

Em *Luto e melancolia*, Freud sustenta ser necessário um trabalho para superar uma perda, que inclui, entre outros rituais, enterrar o corpo e chorar pelo morto. Glória parece incapaz de realizar uma e outra tarefa do enlutado, já que o corpo da irmã está distante e carrega seu próprio nome, e o do filho se dissolve em seu próprio organismo. Acrescente-se o fato de que, nas ditaduras latino-americanas, inúmeros foram os desaparecidos sem deixar rastro, somando-se à dor da perda de familiares o drama de muitas vezes não haver corpo para enterrar, gerando um pesar sem fim, pois inexistia a possibilidade de se realizar o fechamento desse ciclo.

Em *O quarto branco*, a presença da vida pública se faz em cruzamento com a tessitura do privado. Mais do que nunca, vale retomar um dos motes do feminismo das décadas passadas – o pessoal é político. A proposta das teorias feministas de questionar a separação entre as duas esferas reafirma que “não há experiência pessoal que não seja política, e vice-versa” (Leal, 2017, p. 131). Assim, público e privado não se encontram em polos dicotômicos, mas entrelaçados. Tais esferas são atravessadas de forma permanente pela necessidade de verter em palavra a experiência do deslocamento, como nas cartas enviadas pela mãe da protagonista à avó no Uruguai, “contando como era morar no novo país, como era a vida no exílio, palavra que não se usava mas que se sentia dentro” (Aguerre, 2019, p. 33). Esse é o grande salto de Aguerre, que intuiu não bastar um assunto relevante ou um suposto pacto biográfico para se fazer boa literatura. A intenção está toda lá, mas o mergulho na linguagem é que propicia ao leitor e à leitora o solavanco que todos queremos ao abrir as páginas de um livro. E ele virá.

Verdade seja dita. Não é nada fácil escrever em português no Brasil depois de Clarice Lispector. Sobre isso já nos advertiu Adriana Lisboa, ratificando o desafio de se inscrever em uma linhagem assombrada pela figura da autora nascida na Ucrânia. Clarice é uma espécie de matriz dessa estirpe, a escrever em língua que não era a sua de origem, igualmente marcada por deslocamentos. No que tange à literatura brasileira mais recente, aparentemente estamos vendo nascer uma nova categoria, a de ficcionistas nascidas em países próximos que escrevem e publicam em nosso idioma. Para ficar em poucos exemplos, Carola Saavedra, nascida no Chile, e Paloma Vidal, na Argentina. Ambas vindas para o Brasil ainda crianças, da mesma forma que Gabriela Aguerre. Todas filhas do feminismo, como sintetizou Beatriz Resende (2008) a propósito da literatura de Vidal.

Mas não se resume a isso o traço que as justapõe. Do contraponto entre culturas, emergem narrativas que se apropriam igualmente da marca incontornável da ditadura militar. Todas filhas de exilados, acrescentaria eu. Em *Mar azul* (2012), de Paloma Vidal, e *Inventário das coisas ausentes* (2014), de Carola Saavedra, o cenário político surge mais do que como pano de fundo, ele é mola propulsora do itinerário de sujeitos compelidos a trocar de país e de idioma em função de regimes implantados à força. Essa geração, nascida nos anos de chumbo, parece tomar para si a urgência de narrar, hoje mais do que nunca, o horror de governos autoritários e ideologias perversas. Sobre tal tarefa, quase dever, Jeanne Marie Gagnebin (2009, p. 57) aponta:

[...] testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos [...]. Testemunha seria também aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar a esboçar uma outra história, a inventar o presente.

Herdar o trauma, colocá-lo em palavras e inventar o presente, esse parece ser o lugar de algumas de nossas ficcionistas, testemunhas por via indireta desse momento. Condensam, talvez, a condição de filhas do feminismo e de filhas da ditadura. Não vivenciaram diretamente, mas recebem como herança a memória da violência, base do movimento de saída de seus familiares,

razão e motivação do deslocamento. Edward Said, ao pensar a condição do exílio, nos fala de uma perda terminal, “uma fratura incurável entre o ser humano e um lugar natal” (2003, p. 44). O crítico afirma que o exílio não é uma questão de escolha: se nasce nele ou ele nos acontece. A despeito de toda dor, Said destaca a possibilidade de uma pluralidade de visão, o despertar de uma consciência contrapontística, pois o olhar do exilado consegue enxergar ao mesmo tempo duas culturas, promovendo um diálogo insuspeitado. Afinal, em larga medida, a moderna cultura ocidental é obra de exilados, imigrantes e refugiados, alerta o intelectual palestino.

Dessa forma, é possível pensar que, a exemplo de Gabriela Aguerre, autoras que carregam a história do exílio (não por escolha, como afirma Said, mas contingência) alcançam uma *dupla mirada*, a de mulheres em uma sociedade ainda profundamente marcada por valores patriarcais, e a de estrangeiras, deslocadas de seu espaço: “acho estranho o idioma que falam, porque é também o meu mas ainda não me acostumei, e todas as minhas informações ainda são processadas em espanhol, depois vertidas ao português com algum esforço, o recipiente todo misturado, o anzol voltando às vezes com a palavra errada, parecendo certa” (Aguerre, 2019, p.106-107). Uma potente luta que não cessa – com as palavras e com a memória da violência que assolou nossos países. Na bagagem, o desejo da paz de um quarto branco.

## Referências

- AGUERRE, Gabriela (2019). *O quarto branco*. São Paulo: Todavia.
- FREUD, Sigmund (2011). *Luto e melancolia*. Tradução, introdução e notas de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie (2009). *Lembrar escrever esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34.
- LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (2017). Apesar dos pesares: mães em luto em narrativas contemporâneas. In: DIAS, Ângela Maria; CHIARELLI, Stefania (Org.). *Atores em cena*. O público e o privado na literatura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Oficina Raquel. P. 111-132.
- LISBOA, Adriana (2008). Escrever no Brasil depois de Clarice Lispector: armadilhas ficcionais. *Journal of Iberian and Latin American Studies*, Adelaide, v. 14, n. 2-3, p. 141-145.
- RESENDE, Beatriz (2008). *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira do século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- SAAVEDRA, Carola (2014). *Inventário das coisas ausentes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SAID, Edward (2003). *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras.
- VIDAL, Paloma (2012). *Mar azul*. Rio de Janeiro: Rocco.